

As mãos

O que podem fazer duas mãos? Mostram um futuro e carregam as compras. Levantam um sofá, acenam com ênfase, jogam vídeo games, fazem poses de vogueing, amparam uma queda, espremem sucos. Acendem um cigarro e apagam as luzes. Entre tantas possibilidades, duas mãos mudam as coisas de escala.

*

É da mão o poder de recolher o monumental.

*

Há um espaço sem intervalos que as mãos interrompem. Penso em *Dark Fiber*, trabalho de Marissa e David em que Marissa ergue um cabo submarino de telecomunicações, tornando visível algo que a cultura insiste em naturalizar/neutralizar. Os cabos querem se esconder no elemento natural e, sobretudo, na ideia de naturalidade. Quando revelados, o desconcerto que se impõe assemelha-se a uma ceia de Natal, quando algumas verdades inconvenientes vêm à tona. Esse comportamento não se pretende inconveniente. Irritar o convencional é sobretudo atenção e fascínio.

*

Finitude

O feitiço (ocidental) mais longo é o espelho. Maravilhados com o suposto progresso geral civilizatório, saímos largando estradas por aí. Fomos acreditando no espraiamento infinito das estruturas e de nós mesmos. Construindo e replicando sistemas homogêneos tais como os referidos por Anna Tsing ao pensar modelos escalonáveis (cadeias de fast-food, agora blockchains) em oposição a modelos não-escalonáveis. Penso em como reconhecemos hoje em dia mais facilmente os modelos escalonáveis. Como você figuraria um modelo não-escalonável? O que não se pode repetir?

*

A proliferação contínua do modelo industrial se fez suave na medida em que ampliava a sensação de comodidade. Fomos persuadidos pelo torpor, pela eficácia, pela climatização, pelo acesso. Aos poucos, a abundância foi se revelando cancerígena. Aos poucos, o texto da crítica de arte começou a prescindir de sujeito e recepção, camuflando-se de fato da natureza. Somos um objeto a mais. Achatamos a nós mesmos na lisura da informação, na lisura dos bancos de dados, na lisura das telas.

*

A despeito de seus programas originários, o minimalismo americano surgido nos anos 1960 foi pacificado pela cultura *at large*. Robert Smithson já nos sugeria isso ao escrever sobre o trabalho de Robert Morris, em ensaio de 1966. Morris teria “restaurado a ideia de imortalidade, aceitando-a como fato do vazio”. Em 2021, parece-me que a meta é restaurar a finitude. Como sair do serial?

A luz

Arcos de carbono são uma forma de iluminação pública obsoleta. Ainda assim, em 2021, dois bastões de carbono produzem luz. O brilho é a reiteração de algo que pode ser vivenciado *entre* tecnologia e humano. Um fenômeno não discursivo que fricciona a escala grandiosa a partir de um mecanismo rudimentar. O épico, agora em tom menor.

*

Olhamos para a *larga escala* como algo que contribui para a desumanização. Como redimensionar esse estrago, ou melhor, como *dar a ver* a necessidade de uma correção de escala sem, no entanto, incorrer em retóricas? A operação sugerida por Marissa e David é simples: vamos *tocar na larga escala*. É o encontro que complica a replicação a perder de vista.

*

Qualquer gigantismo, sobretudo o discursivo, tende ao autoritário. E não há autoritarismo positivo.

*

Um blackout aconteceu na América do Norte. Um em 1966, outro em 2003. Sobre o mais antigo, Robert Smithson conta que, em lugar do esperado pânico coletivo, houve euforia. Sobre o mais recente, Jane Bennet usa o apagão para apontar a mútua influência entre máquina e ser. No lugar do defeito, da falha no sistema, Bennet cita a dupla excitação, nossa e do sistema operacional.

Não se chama o fenômeno de falha pois essa é uma carta moral. O sistema ele próprio não pressupõe falhas ou esgotamento. Ele não se permite pensar por estes critérios. Ele funciona dando o melhor de si.

*

Antes que a Amazon abra em Marte, Marissa & David encontram na infraestrutura fendas para a experiência espiritual. Não o fazem por teologia mas para recolher o carnal que escapa à lisura da tecnologia. Trata-se de um acesso físico ao que a cultura inviabiliza, dissipa, nubla. Uma cosmogonia metalúrgica, industrial.

*

A luminosidade persiste nos olhos. Como se uma velha estrela acendesse e ofuscasse a visão.

Electric fable for two

The lightning

It is not a dinner light. Not a city light either.
Its nature is not of mood.

It's as strange as a fact.
the lightning.

The voice over the microphone
glowing.
Somehow a metaphysics.
(Oh yeah)

The lightning,
we do not grasp it.

You do not grasp it.
You know that it's not possible
and greed is just a synonym for extension.

The sense of continuity is intensively misleading.

The sense of power is brief,
exchange-based.
It is not an operation.
This is also misleading.

Operations are constructed processes.

And

two fingers can end all promises.
It's just like that.
We overlap.

You know what?

The finger
tries.

what?
where?

something, anything, a switch.

(para Ismar Tirelli Neto)

João Paulo Quintella